

Memória jogada no chão

A DEMOLIÇÃO DE UM HOTEL DA ANTIGA CIDADE LIVRE, CONSTRUÍDO EM 61, MOSTRA BEM O DESCASO OFICIAL COM O PATRIMÔNIO



A equipe do Museu Vivo da Memória Candanga, que funciona nas antigas instalações do primeiro hospital da cidade, e o marceneiro Valter Paes, ao lado da mulher, no barraco do Núcleo Bandeirante, onde vive até hoje

CARMEM MORETZSOHN

O assunto preservação da memória de Brasília voltou a tomar conta das discussões. A demolição do Hotel Rio de Janeiro (inaugurado em 1961, no mesmo dia em que tomou posse o ex-presidente Jânio Quadros), no Núcleo Bandeirante, tornou-se exemplo vivo da maneira como tem sido tratada a questão do patrimônio histórico no País. Abrigo dos primeiros viajantes que vieram para o Distrito Federal, o Hotel Rio de Janeiro era símbolo de uma época, testemunho de uma saga. Junto com ele, foi para o chão uma parte da história da construção da Capital Federal.

A preservação do patrimônio histórico também foi citada como questão primordial pelo novo ministro da Cultura, Antônio Houaiss, em entrevista ao *Caderno 2*. A vontade do Estado é, sem dúvida, o primeiro e principal passo para uma ação efetiva e concreta.

No caso específico de Brasília, talvez esta ação esteja chegando com alguns anos de atraso. Os antigos acampamentos dos peões, as primeiras construções erguidas no meio do cerrado já não existem e o pouco que sobrou desta época corre risco sério de vida. Da antiga Cidade Livre (como era conhecido o Núcleo Bandeirante) quase nada ainda sobrevive. É possível encontrar barracos autênticos, típicos, escondidos entre prédios de alvenaria. Dentro deles, pioneiros que sonham em derrubá-los para construir

uma "casa nova, digna".

Ações diferenciadas — Brasília apresenta uma situação peculiar no que diz respeito à preservação do patrimônio histórico e cultural. Única cidade deste século tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade, Brasília precisa cuidar da estrutura moderna de concreto e pedras de revestimento de seus palácios tanto quanto das madeiras dos barracos e igrejas da época de sua construção. Duas vertentes que pedem ações diferenciadas.

Para garantir a sobrevivência de uma parte da memória da aventura que foi transferir a capital do País para uma área inóspita, não é necessário impedir os sonhos dos pioneiros, obrigando-os a manter intactos seus barracos. Cabe ao Governo desenvolver uma ação de conservação e manutenção destas construções singelas e oferecer novas oportunidades a seus moradores — mercedamente melhores do que as que eles experimentaram até agora. Uma vez desativadas enquanto moradias, estas construções ganhariam nova vocação, voltada para atividades visando à educação e à cultura da própria comunidade.

Um exemplo de iniciativa semelhante que deu certo é o Museu Vivo da Memória Candanga. Ocupando os barracos onde funcionava o antigo Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (o primeiro de Brasília), o local transformou-se num projeto-piloto de preservação e revitalização de núcleos históricos. Isso prova que é possível encontrar uma vocação dinâmica,

reintegrando o espaço à cidade, através de atividades educacionais, culturais, ocupacionais e recreativas.

O Museu Vivo da Memória Candanga ocupa uma área tombada pelo GDF em 1985. 11 anos depois de o hospital ser desativado. Inaugurado em 1990 — após três anos de obras de restauração dos prédios —, passou a trabalhar sobre dois caminhos: o resgate da memória histórica e a idéia da cultura como processo incentivando a troca entre os saberes.

O Museu abriga a sede do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do DF. Mantém uma exposição permanente com módulos correspondentes a cada período da história de Brasília. E desenvolve atividades a partir de cinco oficinas — tecelagem, barro, memória, madeira e materiais alternativos. Recebe uma média de 200 crianças por semana, vindas das redes de ensino público e privado, e mostra-se aberto às sugestões da comunidade. No entanto, nem tudo lá está em perfeito funcionamento: a falta de verbas impediu a restauração de um dos barracos e a construção do que seria a sede do DePHA (que ocupa provisoriamente uma das casas destinadas a abrigar oficinas).

Segundo o diretor do Departamento, Sílvio Cavalcante, a estrutura de administração do patrimônio em Brasília está aquém das necessidades. "A área do Plano Piloto é a maior área tombada do mundo. Fora ela, ainda temos de zelar por todo o patrimônio do DF, que inclui os acampamentos pioneiros (Núcleo Bandeirante, Vila

Planalto), uma remanescente da Vila Paranoá e até Planaltina, com sua arquitetura colonial goiana de mais de 130 anos" explica. Para cuidar de tudo isso, seria preciso a especialização dos quadros técnicos e mais recursos, a exemplo do que se tem no Instituto do Meio Ambiente.

Tanque velho — O que aconteceu ao Hotel Rio de Janeiro pode não ser a predestinação de outras construções antigas. O próprio Sílvio Cavalcante disse ter entrado em contato com a proprietária do hotel, Maria Machado, pedindo que ela entrasse com pedido de tombamento. "Só assim poderíamos dar início a uma ação no local. Mas ela hesitou", conta. O que ocorre é que a conservação e a restauração dos prédios em madeira é muito mais dispendiosa e pede mais qualificações do que os de alvenaria. Idéias não faltam. "Poucas edificações sobrevivem. Estamos investindo na área do Museu, na Candangolândia (gostariamos de recuperar a Igreja São José Operário), na Metropolitana (um acampamento atrás do Núcleo Bandeirante que tem um tripé central: praça, escola e campo de futebol) e queremos restaurar o antigo alojamento dos solteiros da Vila Planalto, transformando-o em mercado" — explica Sílvio.

Alheia a todo este movimento está Dona Laura Rosa Calixto, moradora do lote 8 da 2ª avenida, Travessa Dom Bosco, bloco 780, Núcleo Bandeirante. No mesmo barraco construído pelo marido há mais de 20 anos, ela vive com seus sete filhos — hoje, vários netos também. Apenas três cô-

modos bastam. Mas a vontade é de derrubar tudo para construir casa nova. No mesmo lugar. "É o meu sonho. Adoro aqui, mas queria uma casa maior, só que meu marido ganha uma ninharia", diz. E, apontando o tanque com símbolo idêntico ao do Palácio da Alvorada, queixa-se: "Esse tanque velho... só eu devo ter ainda esta coisa".

O marceneiro Valter Paes do Nascimento também alimenta a mesma paixão: libertar-se do velho e passar ao novo. Ele hoje mora no barraco que contruiu para a mãe (já falecida) e só espera ter um pouco mais de dinheiro para fazer o que ele chama de "construção definitiva". Valter chegou aqui em 1959, ainda criança, junto com os pais, mineiros de Antônio Carlos. "Meu pai trabalhava com rádio-técnica. Quando ele morreu, eu construí este barraco para minha mãe. Hoje, moro aqui com minha mulher e cinco filhos em cinco cômodos".

E se o Governo não se mexer, um hotel ainda mais antigo do que o Rio de Janeiro pode também terminar em escombros. O São Judas Tadeu tem 36 anos de funcionamento. Construído aos poucos por seu Sebastião Gonçalves, a esposa Olímpia e os filhos mais velhos do casal, abrigava caixeiros viajantes e outros vendedores que passavam pelo cerrado. Situado na Segunda Avenida está a um passo da demolição. É que a família está construindo um maior, em alvenaria, também aos poucos. Ainda não há um prazo para o abandono do local, que continua cheio de hóspedes. "Vou morrer de pena de sair daqui" — diz Dona Olímpia.

A BELA SOLUÇÃO DEL CAMINITO

GIOCONDA CAPUTO

É lamentável que Dona Maria Machado e as autoridades públicas do DF não tenham encontrado um caminho para evitar a demolição do hotel Rio de Janeiro. Todos sabiam que ali tinha história. Não a história da carochinha e dos encantos que o Plano Piloto desperta em muita gente. Mas o outro lado dessa epopéia que foi construir Brasília e que tão sensivelmente foi contada por Vladimir Carvalho no seu *Conterrâneos Velhos de Guerra*.

Foi na Cidade Livre que tudo começou. A primeira vila, com suas casas de madeira e moradias improvisadas de lona, consolidou o sonho de uma vida melhor nos milhares de imigrantes que aqui chegaram para transformar em realidade a beleza arquitetônica de Niemeyer. Uma cidade cheia de estórias e histórias. Trágicas e cômicas. Como aquela registrada no filme de Vladimir: um operário escreveu

para a família no Nordeste contando que estava morando por aqui numa casa feita com não sei quantos sacos de cimento. Os familiares, satisfeitos com o progresso dele, decidiram arrumar as malas e vir para cá. Quando chegaram, a realidade: na verdade, o tal operário morava mesmo era embaixo de sacos de cimento.

O bairro *La Boca*, em Buenos Aires, lembra muito a velha Cidade Livre. Lá os responsáveis pelo patrimônio tombaram uma parte do bairro para ficar definitivamente na história. O famoso *Caminito* se transformou em ponto turístico e também das artes. A rua, com suas casas de madeira e zinco pintadas com cores vivas, se transformou em galeria e as casas em originais ateliês. As casas mais tradicionais de tango também estão ali. É pena que essa solução não chegou a ser pensada para os nossos miseráveis e belos barracos de madeira.



El Caminito, no bairro La Boca de Buenos Aires, se tornou ponto turístico e cultural, com seus barracos pintados com cores fortes

Sérgio Moriconi